



LISBOA, 15 de Outubro de 1914

AMISADE CORDEAL



... ou a "espada,, de Bernardocles

Todos d'accordo?

Ora, verdade verdadinha, nós tínhamos muito que dizer. Muitíssimo até, porque raras vezes tem apparecido momento politico em que haja tanto que dizer, como este. Mas não pode ser. Eloy, o nosso famigerado Trepoff, está ali á espreita, e, se dissermos duzentas e cincoenta grammas de verdades amargas, salta-nos em cima com todas as ganas de rafeiro obediente.

Temos portanto que divagar por alto, na alternativa de fallar apenas na poesia do tempo ou nas virtudes e mais partes que concorrem nas pessoas dos srs. republicanos.

O caso palpitante, o que se discute a cada esquina, o que se bacoreja a cada canto, é a *nossa ida para a guerra*. Sobre o assumpto todos mettem a sua colherada e nem sempre com colher de prata.

O que vamos nós lá fazer? — dizem uns; porque vamos nós lá? — dizem outros; em que condições vamos prestar esse auxilio de sangue, a nações estrangeiras? — inquirim ainda os terceiros.

Não responderemos a estas perguntas, porque, se o fizessemos, certamente eramos considerados nefastos. E depois, nós, modesto semanario, não havemos de ser mais papistas do que o Papa.

O sr. Bernardino acha que o exercito portuguez deve ir combater pela França e pela Inglaterra? Que deve ir defender os interesses d'essas nações estrangeiras em perigo, e as suas conveniencias commerciaes? Acha isso? Entende assim? Muito bem, porque o entendimento de cada um é livre. E concorda o exercito portuguez, o povo portuguez, a nação portugueza com o que o sr. Bernardino entende? Se concorda, muitissimo bem, porque não ha nada mais bonito do que esse harmonioso accordo.

Assim, ninguem terá depois que se queixar, porque todos conscientemente praticaram o acto, e isto consola-nos o espirito e regala-nos a alma.

De resto, tudo o que se está passando é consequencia logica dos factos.

Quando, nos principios de agosto, nós vimos o parlamento investir o sr. Bernardino no mando supremo do paiz; quando vimos os partidos oppocionistas entregarem nas mãos do mesmissimo chefe do governo, que na semana anterior classificavam de *perigo nacional*, todos os poderes, depondo ao mesmo tempo todos os meios de fiscalisação dos seus actos; quando vimos de novo, Affonso Costa de braço dado com Antonio José d'Almeida e Brito Camacho, e estes ás ordens de Bernardino; quando vimos o parlamento encerrado e as eleições addiadas *sine die*; quando vimos o sr. Machado Santos declarar guerra á Alemanha e os tezos... *maiores de quarenta annos* com impetus bellicos para defenderem a casa alheia, mandarem os *outros* para o campo de batalha; quando vimos tudo isto e muito mais, e todos d'accordo ou, pelo menos, no passivo e commodo silencio que tudo consente, nós ficamos convencidos de que afinal, de contas, de duas uma: ou nós temos o nosso miolo desaranjado, turvando-nos a clara visão das coisas, ou os outros (os que mandam e os que obedecem) estão nos proximos da loucura. Lá todos eguaes, isso é que não.

Ora sendo assim, só o futuro nos poderá dizer onde está o desequilibrio mental.

Mas—dirá o leitor que queira dár-nos a honra de

ser doido comnosco — se afinal vier a provar-se que nós é que tínhamos razão? Se assim fôr (e é o que temos mais certo) resta-nos a amarga consolação de termos cumprido o nosso dever até ao fim. Será pouco para compensar a dôr, mas será sufficiente para satisfazer a consciencia.

E então, os que hoje nos olham repimpados do alto do seu comodismo criminoso, ou envoltos na sua cobardia revoltante, sentirão os espinhos aguilhoando-os toda a vida por não terem querido salvar uma Patria. Mais: por a terem perdido *conscientemente*.

O QUE SERIA ?

O *Seculo* promette desancar o sr. Freire d'Andrade em occasião *opportuna* porque, diz, n'este momento não é conveniente fazel'o.

Que diabo quereria elle, que lhe não chegaram ao preço?

ZANGA QUE PASSOU...

O grão Magalhães de Lima dizia antigamente que tinha tanta zanga aos inglezes, que nem queria aprender a sua lingua. Pois com grande admiração nossa, outro dia deitouto discurso em inglez. Teria aprendido agora a lingua que tanto detestava?

Prova-se então que não está certo o rifão que diz: *burro velho não aprende linguas*.

A's vezes aprende, como se vê.

ENGULIRAM

Pergunta-nos um leitor em que ficou aquella trapalhada da noticia do *Seculo* a respeito das declarações do sr. Freire de Andrade á commissão anti-allema, presidida pelo grão Magalhães de Lima.

Ora, em que havia de ficar! O sr. ministro dos estrangeiros enguliu as primitivas declarações e... a commissão enguliu o resto. E o *Seculo*, é claro, enguliu o preço do jogo. Quanto teria custado?

Tudo hã gente!

O CASO DO PAPEL

A proposito do que aqui escrevemos no nosso ultimo numero sobre o augmento do preço do papel, recebemos muitas cartas com o parecer dos nossos queridos assignantes e leitores. A opinião que predomina é a de que augmentemos o preço d'*O Thalassa* para 30 réis enquanto durar este lindo estado de coisas; mas é essa justamente a medida que não desejamos adoptar para que as *almuhas bem intencionadas* (e ha tantas!) não digam que também exploramos com a situação. Ha muito tempo até que o nosso proposito é augmentar o numero de paginas mantendo o mesmo preço.

O caso é realmente bocado (como muito bem diz um nosso illustre leitor de Coimbra) mas luctaremos... enquanto fôr possivel. O papel alem de muito mais caro é tambem de muito peor qualidade. Emfim, uma refinadissima pouca vergonha! Grande numero das pessoas que nos escrevem, alvitram tambem que se supprima a capa, e outras que se reduza o numero de paginas. Uma coisa porem nos alegrou immenso: foi a opinião unanime de que é *necessario* que *O Thalassa não interrompa a sua publicação*. Mesmo que seja impresso em *cascas de cebola*—diz-nos um grupo de leitores amigos—não deixem de publicar o jornal.

Garantimos a todos os nossos prezados leitores que com esse fim, trabalhamos cada vez com mais fé e entusiasmo; mas é necessario que nos ajudem. E um dos pontos mais importantes n'este momento é *satisfazerem os recibos das suas assignaturas logo que lhes sejam apresentados para nos evitarem despesas de segunda cobrança e atrasos na receita, unica fonte que temos para fazer face ás despesas*.

Se assim fizerem, evitar-nos-hão muitos transtornos e ajudarão *O Thalassa* a atravessar a crise do papel sem modificar o seu aspecto. Deixamos portanto o caso á consciencia e amizade dos assignantes d'este semanario.

O FARO DO HEROE

Com um rigor mathematico que muito honra o nosso faro politico, temos previsto todos os casos sensacionaes que se teem dado na nossa terra.

(D'um artigo no *Intransigente* assignado pelo sr. Machado Santos).



O sr. Machado Santos farejou Ambaca, e...



depois farejou o Rhodam, e...



depois farejou S. Thomé, e...



depois farejou a Panasqueira, e...



depois farejou o predio Grandella, e...



depois farejou o cordeal do sr. Bernardino, e...

... chegou á conclusão de que os *thalassas* eram uns patifes e que só os republicanos eram capazes de salvar o Paiz!

Mobilisação portuguesa



Algumas figuras que devem ir na vanguarda da primeira linha de fogo, para bem da Patria...

ASSALHTO O

ORBITO 301 11

ORBITO 301 11

ASSALHTO O

Porque não ficou o sr. Antonio José

Muita gente ficou intrigada com aquelle caso de o sr. Antonio José d'Almeida se ter retirado do ministerio do interior quando ali foi o almirante inglez, ficando só a recebe-lo os srs. Bernardino e Affonso Costa.

Para podermos esclarecer os nossos leitores, fomos procurar o nosso cordeal amigo Machado, que, como todos sabem, é dedicadissimo a *O Thalassa*.

—Ora cá estamos prezado ex-conselheiro, para nos dizer uma coisa—começamos nós, assim que vimos o chapéu alto de S.^a Ex.^a em evoluções.

—O' prezadissimo amigo, então de que se trata? Em que lhe posso ser útil? Mande, mande em tudo que quizer. E' por causa das apprehensões? Dou-lhe a minha palavra que fiquei contrariadissimo! ... Até quiz demittir o Eloy, juro-lhe...

—Oh! Mas quem duvida!? O caso porém é outro. Desejamos saber porque o Antonio José não ficou ao pé de si a receber o almirante inglez.

—Ai! meu queridissimo amigo, não calcula como é difficil viver com esta gente. Ora oiça. Quando me dirigi a receber o almirante inglez, dei a direita e a esquerda ao Affonso Costa e a esquerda e a direita ao Antonio José.

—Como? A direita e a esquerda aos dois?

—Sim senhor. De proposito, para não haver melindres.

—Mas como poudes dar a direita e a esquerda ao mesmo tempo a cada um?

—Ora essa! Qual é a minha direita? E' d'este lado não é verdade. Ora então ponha-se o meu amigo aqui. E agora?—e o mais cordeal dos capoeiras virou-se rapidamente em sentido contrario.

—Agora? Agora estamos à sua esquerda.

—Vê? Aqui tem porque eu dava a direita e a esquerda a cada um. Como sabe eu estou sempre a virar-me para um lado e para o outro por causa dos cumprimentos. Portanto, ora estava o Antonio José à minha esquerda, ora à minha direita, e o mesmo acontecia ao Affonso Costa. Este, que é esperto comprehendeu, mas o outro que é cordealmente burro, ficou amado e foi-se embora, deixando-me encravado.

—Porquê?

—Porque tive de apresentar o Affonso Costa como chefe do partido evolucionista. O que vale é que elle não sabe inglez e por isso não percebeu. Eu disse então ao almirante: *Sir evolucion chief* e o Affonso, zás, cumprimentou.

—Mas porque o não apresentou como chefe dos democraticos?

—Nada, nada. Não podia ser. Elles sabem muito bem que o chefe da democracia sou eu, e não queria confusões por causa da popularidade. Eu n'estas coisas sou como o meu antigo collega Francisco I: perca-se tudo... menos a popularidade!

PARA A GUERRA

Então vamos ou não vamos para a guerra?—pergunta-nos um leitor, com muitos pontos de exclamação e interrogação.

Vamos, sim senhor. Mas como os apóstolos querem ser dos primeiros a alistar-se para dar o exemplo, está a coisa um bocadinho demorada, porque andam a aprender a recruta. O nosso Bernardino, que, como todos sabem, é um grande filho de Marte, diz que ha-de ser dos primeiros.

AINDA BEM

O *Argonaut* trouxe boas noticias do *Active*. Está melhor da perna e mandou muitas saudadinhas.

BOAS ALMAS!

Supprou agora um generoso agiota que acudia aos empregados publicos com a corda na garganta, descontando-lhes os recibos dos vencimentos á razão de 10% ao mez, ou como quem diz, ao modico juro de 120% ao anno!

E' este um caso que a prestimosa *Associação dos Logistas*, tão solícita sempre em iniciativas de largo alcance social, não deixará de tomar na devida consideração, reclamando dos poderes constituídos, providencias attinentes a pôr cõbro a semelhantes explorações.

Estamos convencidos de que tanto para a *Associação* como para o seu benemerito presidente Pinheiro de Mello, da casa de prego, a existencia dos agiotas foi uma completa surpresa, pois de contrario já certamente outro gallo lhes teria cantado.

POESIA

Da illustre poetisa Ex.^{ma} Senhora D. Mecia Mousinho de Albuquerque recebemos uma linda poesia dedicada á nossa querida e gloriosa bandeira. E' uma saudosa invocação onde o finissimo espirito da sua illustre auctora vibra mais uma vez com o mais ardente patriotismo recordando as côres do velho pendão que todo o mundo respeitava como o symbolo sagrado da vida gloriosa d'este Povo.

O motivo escahido pela Ex.^{ma} Senhora D. Mecia Mousinho de Albuquerque para os seus primorosos versos, é o parcer d'aquella commissão que regeitou as côres azul e branca, por serem côres... *pouco varonis*, commissão de que, como devem estar lembrados, fazia parte o sr. Abel Botelho, pessoa muito entendida n'estas coisas...

A' illustre poetisa os nossos melhores agradecimentos pela sua gentil offerta.

Importantississimo

Para os devidos effeitos se publica de novo o seguinte:

A crise que os jornaes monarchicos estão atravessando, é medonha. Em cima das apprehensões que representam despezas por inteiro e zero de receita, tem tambem agora o augmento no preço do papel. Ora os monarchicos não podem encolher indifferentemente os hombros. Pela nossa parte, limitamo-nos a pedir lhes pouco; e esse pouco mesmo, apenas aos nossos assignantes, que o mesmo é dizer: aos nossos amigos.

Mais uma vez repetimos: *O Thalassa* vive exclusivamente da sua venda. Felizmente tem em dia todas as suas contas, não devendo 5 réis a ninguem até a data, e em boa hora seja dicto. Mas para que assim aconteça, tem-nos custado muito trabalho, muita canceira, muita força de vontade, muita fiscalisação, muitas horas de trabalho e até... muitos cabellos brancos.

Parece-nos pois que este esforço em favor da Causa, merece ser recompensado, por quem da Causa se diz defensor. Que tem mesmo esse direito. Pois muito bem: como dissemos, a crise actual é medonha, tendo os encargos quasi duplicado, porque a *buchasinha do augmento* com que os senhores fornecedores de papel nos mimosearam sob o pretexto da guerra, é respeitavel. E isto, fóra as apprehensões, que são de se lhes tirar o chapéu.

Ora da-se precisamente o caso de termos agora a nossa cobrança no correio; e é este o ponto para que chamamos a attenção dos assignantes d'*O Thalassa*, pedindo-lhes apenas o seu pontual pagamento logo que o recibo lhes fór apresentado da primeira vez. Porque, não calculam, prezados amigos, o transtorno e principalmente a despeza que acarreta a devolução d'um recibo. Primeiro, transtorno porque é uma receita com que se conta para pagamentos em dia certo e inadiavel. Depois, despezas, porque cada recibo que vae para a cobrança são mais uns tantos réis que dispndemos sem qualquer compensação. E isto n'alguns milhares de recibos, representa muitas duzias de mil réis.

Felizmente *O Thalassa* (e em boa hora tambem seja dicto) não tem razão de queixa da quasi totalidade dos seus assignantes. Pelo contrario. A muitos, a muitissimos, ao maior numero mesmo deve provas de grande estima, não só pela pontualidade dos seus pagamentos, como pelo interesse que demonstram pelo nosso jornal, angariando-lhe assignaturas. E isto sem fallar n'outras provas de dedicação que nunca esqueceremos. Os nomes de todos esses amigos estão registados, porque talvez um dia seja necessario saber-se quem eram aquelles com que se poude contar na adversidade. Reputamos mesmo este trabalho indispensavel por causa das confusões depois... depois quando todos alardearem serviços e dedicações. Mas voltando ao caso. Se é facto que a maioria paga pontualmente na primeira cobrança, ha outros que muitas vezes por não calcularem o transtorno que isso faz, nos obrigam a enviar-lhes os recibos duas e tres vezes. Ora isso é que, se em occasiões normaes nos acarreta grandes prejuizos, em epocha difficil como a que estamos atravessando, torna-se completamente impossivel.

O pagamento da assignatura d'*O Thalassa* é adeantado como o de todos os jornaes. Portanto, quem nos honra com a sua assignatura, quem a *O Thalassa* quer prestar um grande favor, já deve contar com a *queijadinha* prompta á primeira voz, que afinal de contas, bem insignificante é para compensar o regalo dos nossos bonecos e da nossa leitura... modestia á parte.

A cobrança tem estado em atrazo por duas razões: por, felizmente, não nos fazer transtorno, e por o pessoal da administração que é reduzido, lhe não dar vencimento. Mas por absoluta necessidade, temos agora que a por em dia. Para este fim contamos com a amizade dos nossos assignantes, pois temos a certeza de que os retardatarios serão os primeiros a satisfazerem o nosso pedido em face dos transtornos que lhes apatamos, e da crise actual. E' como amigos que a elles nos dirigimos, tendo portanto o direito de esperar que, como taes, correspondam ao nosso apello.

Fica assim combinado, não é verdade?

A todos os nossos prezados assignantes que tem mandado satisfazer as suas assignaturas espontaneamente, os nossos melhores agradecimentos.

A imprensa portugueza no 1.º semestre da ronha cordeal

(EPHEMERIDES)

Janeiro, 4—Do antecedente, presos no Porto à ordem de Costa & Secevola o temido director d'*O Dia* Moreira d'Almeida e seu filho o dr. João Moreira d'Almeida.

—*A Patria* do Bestabão, prometendo melhorar-se *consideravelmente para corresponder ao acolhimento que tem merecido*, transfere as suas installações para o Palácio Foz.

12—Publica-se o 1.º numero dos *Fantosches*, notas semanais sobre os acontecimentos politicos, de Rocha Martins.

26—O Povo Soberano faz a *O da Bola*, da rua de S. Roque, uma ruidosa manifestação de *sympathia com morrorio e pedrório*. Por modestia, o homenagem corre os tapiaes.

Fevereiro, 6—Aparece o 1.º numero do *Aqui d'El-Rei*... de João do Amaral.

11—*A Patria* do Bestabão, suffocada pelos ares puros da Avenida, vae-se abaixo e estica o pernil n'um coice derradeiro.

Março, 7—Publica-se em Coimbra o 1.º numero d'*A Voz da Verdade*, semanario monarchico academico.

12—Por entre ruidosas aclamações e vibrantes applausos faz o illustre advogado dr. José d'Arruella, n'uma brilhante conferencia, a propaganda do *Diario da Manhã*.—Por ter assistido a esta conferencia, foi punido com 15 dias de prisão, no Forte da Graça, o capitão de cavallaria Carlos Alberto Correia, distincto official do exercito.

20—E' aberta nas columnas d'*O Thalassa* uma subscrição entre *snobs e serocs* com o fim de adquirir um tinteiro de homenagem ao intrepido jornalista Moreira d'Almeida. Esta subscrição fechou com 1:675\$770 réis. Fica assim comprovata a asserção de Antonio Zé Banana de que *Moreira d'Almeida não tem a sympathia dos seus correigionarios, que em geral o delectam*.

26—*A Nação* publica a profissão de fé monarchica do brilhante escriptor e eminente juriconsulto, dr. Cunha e Costa.

Abril, 1—O jornal catholico *Echos do Minho*, de Braga, que se publicava semanalmente, passa a ser diario.

7—Publica-se o 1.º numero do *Papagaio Real*, semanario monarchico de caricaturas, politica e humorismo.

8—Aparece em Coimbra o 1.º numero da *Nação Portuguesa*, revista de filosofia politica.

15—Reapparece *O Dia*, depois do seu director, o grande jornalista Moreira d'Almeida ter estado 116 dias preso sem culpa formada, para maior gloria e brilho da republica.

18—Publica-se o 1.º numero d'*A Pavana*, registo semanal de impressões e commentarios, de Albertino da Silva.

27—Publica-se o 1.º numero da *Chronica Política*, de Annibal Soares.

Maió, 7—Publica-se o 1.º numero d'*A Restauração*, publicação semanal monarchica de Lamego.

24—Publica-se em Lamego o 1.º numero d'*O Proletario*, propriedade de um grupo de operarios.

27—Inicia a sua publicação o *Diario da Manhã*, jornal monarchico.

31—E' apprehendido em Coimbra o *Imparcial*, semanario dos estudantes catholicos. Ao mesmo jornal é dado o nome de *pasquim* pelo presidente do ministerio, Bernardino Machado, na camara dos deputados.

Junho, 4—Em Sinfães um fiscal d'impostos apprehende os prospectos do jornal *A Liberdade*, do Porto.

5—*A Patria Nova*, semanario monarchico de Coimbra, suspende a publicação por ter sido ameaçada de empastellamento a typographia onde era composta e impressa.

7—Aparece no Porto o 1.º numero d'*A Liberdade*, diario catholico.

9—E' apprehendido *O Dia*, por fazer o réclame ás maravilhosas aguas do Rhodam.

10—E' querrellada *A Nação* por verberar justamente a Falperira de barrete phrygic, a propósito do escandalo do Rhodam.

—E' apprehendido *O Dia*, como reincidente em proclamar as virtudes das aguas do Rhodam.

11—E' apprehendido o *Diario da Manhã*. Aguas do Rhodam no caso.

12—Bernardino Machado, presidente do ministerio e revisor-amador do *Diario de Noticias*, diz na camara dos deputados do Directorio, que em Portugal não ha jornaes monarchicos: ha pasquins.

14—Publica-se no Fundão o 1.º numero d'*A Gardunha*, semanario monarchico.

18—Publica-se em Bragança o 1.º numero do *Legionario*, semanario catholico.

22—Reapparece *A Patria Nova*, de Coimbra.

23—Durante a noite é assaltada no Funchal a typographia do jornal *A Epoca*, ficando todo o typo empastellado.

25—Para condemnar o rei Alfonso Costa ás galés... da Historia, publica Antonio Zé, o *Agua-raz*, na *Republica*, um artigo muito annuciado, muito reclamado, muito esperçado e muito cordealmente desbastado, tod' o mundo fica pasmado.

COMPENSAÇÕES

Insistem os periodicos em que os francezes vão ter um Rei. Nós já temos um Roque.

ESTATUAS

Vae ser erecto um monumento á memoria de Antonio José, o judeu (não confundir com o chfee evolucionista que tambem é judeu) como homenagem ás victimas da inquisição.

Achamos bem. Mas desde já propomos que se erija tambem uma outra estatua á memoria do malogrado tenente Soares e do soldado Ramiro Pinto, como homenagem ás victimas da republica.

Assim é que fica historicamente certo, para illucidação dos viudouros.

"O THALASSA.. NOS CORREIOS

E' simplesmente pavoroso o que se está passando com *O Thalassa*, nos correios. Não obstante remettermos o jornal com toda a regularidade aos nossos assignantes, as reclamações são continuas, tudo levando a crer que o sr. Eloy montou succursas do Santo Officio democratico nas estações postaes.

E' raro o dia em que os assignantes se não queixam de não receber *O Thalassa*, sem que, no entanto se trate de numeros apprehendidos, ou de falta de franquia que pagamos sem refflar, na illusoria supposição de garantirmos a segurança do que é nosso. Ha quasi um mez que remettemos para Alvitó uns jornaes; pois só ante-hontem lá chegaram! E Alvitó é ca em Portugal! Ora é necessario que nos entendamos. Se os senhores do correio gostam de ler *O Thalassa* á borla, não prejudiquem ao menos os que já pagaram. Que diacho! Digam-nos sem mais aquellas, que nós fornecemos-lhe assignaturas gratis, e é mais bonito pedir do que... arrecadar sem licença do dono. E' pesadote, mas preferimo-lo. Agora, estarmos nós aqui com um trabalho insano e com uma despeza doída só para suas senhorias, isso é que não tem piada nenhuma nem nos parece lá muito limpo...

Que os nossos prezados assignantes tenham paciencia para nos ajudarem a ir aturando estas *liberdades luminosas*, na certeza de que, pela nossa parte, não nos pouparemos a sacrificios. Basta um postal para immediatamente forneceremos os que tiverem faltado. Se os senhores do correio tambem tiverem alguma collecção incompleta, *queiram ter a bondade de reclamar*.

Theatros

EDEN THEATRO

Cumprindo a sua promessa de variar as suas recitas da moda com espectaculos novos, o Eden Theatro dá-nos hoje a linda opereta *Princesa Bohemia*, em que a illustre actriz Palmyra Bastos desempenha o papel de protagonista.

Esta opereta constituiu um dos maiores successos da temporada passada no Avenida pelo seu enredo precioso e fino e pela sua musica scintillante e ligeira sendo, portanto, inteiramente justo o interesse que esta recita esta despertando entre a nossa primeira sociedade. Sabemos estarem já feitas muitas combinações, devendo o Eden Theatro ser hoje o ponto de reunião de toda a nossa sociedade elegante.

—No proximo domingo realisa-se a primeira *matinée-concerto* de orchestra symphonica, dirigida pelo eminente maestro Nicolino Milano e em que toma parte o barytono portuguez D. Francisco Sousa Coutinho (Redondo). Estas tardes de arte estão destinadas a um grande e extraordinario exito mundano.

GYMNASIO

Grande noite vae ser a de hoje n'este theatro. Volta a representar-se mais uma vez a engraçada comedia de Feydeau, *O Palo* o maior successo de gargalhada da actual temporada e que parece não mais sair do cartaz.

COLYSEU DOS RECREIOS

Ha muito que na capital se não via uma companhia de circo tão escolhida como a que funciona actualmente no elegante Colyseu das Portas de Santo Antão. O illustre empresario, sr. Comendador Antonio Santos, sempre na mira de bem servir o publico, varia constantemente os espectaculos apresentando os numeros mais extraordinarios da actualidade e que veem precedido de grande fama do estrangeiro.

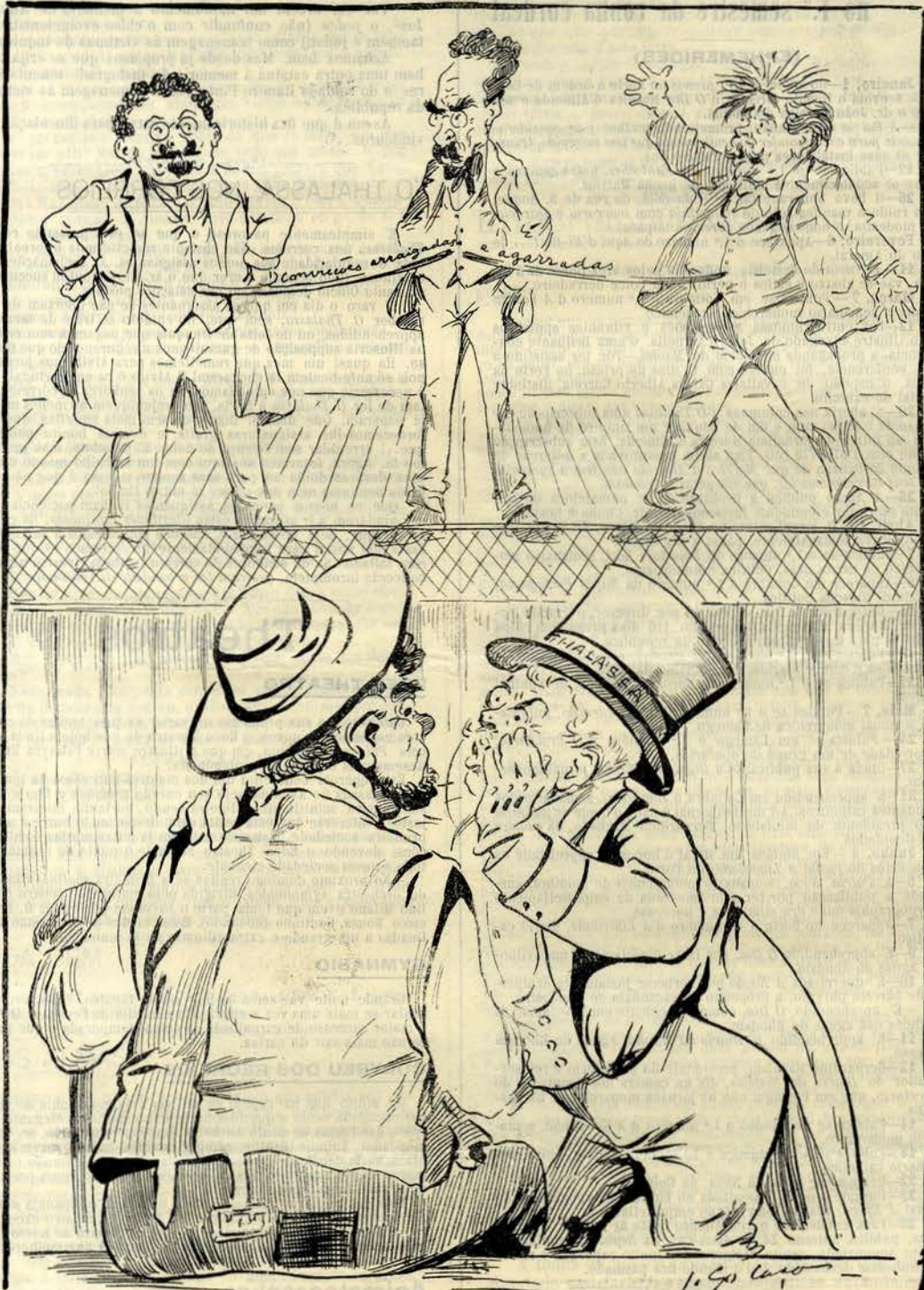
Dois dos numeros de mais agrado na actual companhia são os *Fernandos* equilibristas olimpicos e d'*Arlagan*, musico excentrico, ambos artistas portuguezes e que dão honra ao nosso paiz pois apresentam trabalhos que podem rivalisar aos melhoes do genero.

Animatographos

Os melhoes e melhor frequenta dos:

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso — Olympia — Rua dos Condes — *Sanção da Trindade* — Rua da Trindade — Central — Praça dos Restauradores.

NO THEATRO DA GUERRA POLITICA



A "tripa-entente,, nacional